

Laamb e Ladja

Edu Monteiro



Senegal e Martinica encontram-se na mesma latitude, aos 14° do hemisfério norte, uma linha que conecta a África com o Caribe através do Oceano Atlântico. São também os pontos finais duma rota marítima que favoreceu a chegada do grande número de escravos vindos da costa oeste africana para esta pequena ilha caribenha. Este ensaio segue esta linha e apresenta visualmente duas lutas; a Laamb do Senegal e a Ladja da Martinica. Duas danças de combate que através da música, do transe, da ancestralidade operam a travessia, navegando nos gestos de resistências corporais, até emergir, nos atravessamentos das fronteiras físicas e culturais de suas expressões, na contemporaneidade.

Na pequena ilha da Martinica, ainda um território francês, o viver carrega o fardo do tempo e suas marcas. A ladja traz o peso da diáspora na carne de seus lutadores, no toque do tambor e no lamento de seus cantos. Neste combate bailado afro-caribenho, vibrações sincopadas do tambor e do canto aliciam os corpos ao transe. Metaforicamente a ladja se apresenta como um enredo possível de resistência que possibilita o mergulho nas raízes africanas.

Esta luta cadenciada isolada no Caribe, traz, através de uma força plástica, novas reconfigurações míticas, sem início nem fim, mas circulares como o palco da luta, como a roda da terra, que plana no espaço lentamente, para deixar que este movimento, ao qual chamamos tempo, trabalhe as feridas da escravidão. Trata-se de uma dança de combate ainda marginal, pouco conhecida internacionalmente, uma ação performática praticada por apenas uma centena de pessoas, um número modesto para sacudir as estruturas sociais, mas uma presença forte para manter a cadência do combate anticolonial. É a busca por um caminho independente, palavra preciosa cujo peso oprime quem ainda não a

conquistou, adjetivo que marca o descompasso de qualquer relação de poder. Ladja é o combate sincopado que tenta reverter a disritmia pós-colonial que insiste em sussurrar melodias de dominação.

Já a luta Senegalesa, ou Laamb em wolof, é uma prática ancestral adaptada aos novos tempos; é conhecida internacionalmente e muito respeitada pela comunidade local. Os principais combates contam com estádios lotados e transmissão ao vivo pelos canais de televisão do país, alguns eventos atraem um público de trinta mil pessoas. Também está presente nas ruas da capital Dacar através de anúncios publicitários das principais companhias telefônicas e de cartões de crédito, que utilizam a imagem dos grandes campeões da luta. Estes lutadores gigantescos, alguns pesando mais de 150 quilos, são encarados como heróis nacionais – imagem de sucesso.

É uma atividade que acompanhou o processo de urbanização. De um lado a Laamb se adaptou ao desenvolvimento contemporâneo senegalês, de outro, continua pulsando nos vilarejos mais remotos no interior do país. Em ambos os casos a luta não abriu mão da tradição, tanto no pequeno vilarejo quanto no grande estádio da capital o ritual mantém os seus fundamentos, passados de geração em geração. Ao entrar na arena sob o som dos tambores e o coro de vozes predominantemente femininas é difícil não sentir uma forte energia. Os lutadores caminham de um lado ao outro, é neste momento que percebemos a dança, o ritmo impregnado nos corpos. Cada lutador entra acompanhado de seu marabu, líder espiritual responsável pela proteção. Com potentes gri-gris, poções mágicas distribuídas em diferentes garrafas, animais secos ou até mesmo vivos, leite de cabra e mais uma dezena de objetos, o marabu e seus ajudantes lutam juntos. Trata-se de um trabalho em equipe. Enquanto o lutador enfrenta seu adversário corporalmente, os marabus se enfrentam magicamente, misturando líquidos, enterrando objetos, riscando a terra, evocando poderes na cadência dos golpes. O público participa ativamente do combate, torcendo, gritando, somando seus gri-gris e energias aos lutadores.

Através do Atlântico Negro, diversas lutas africanas como a Laamb se adaptaram, ramificaram-se em novas expressões como a Ladja da Martinica, a Capoeira no Brasil e tantas outras já enraizadas por aí. Em comum, elas mantêm a polirritmia e as memórias ressignificadas na pele. Laamb e Ladja carregam ritmos em corpos que dialogam entre a tradição e o mundo contemporâneo. Neste campo de ritual e resistência, prevalece uma visão diferenciada do tempo – o do corpo que luta em estado de dança.

















